

edelbra

FABRÍCIO CARPINEJAR
te pego na saída



edelbra

FABRÍCIO CARPINEJAR

te pego na saída



A [Coleção Vida em Pedacos](#) apresenta as lembranças de infância de Fabrício Carpinejar. Nestas crônicas, os acontecimentos cotidianos ganham de volta a magia perdida com a chegada da vida adulta. Através das memórias do autor, temos acesso às nossas felicidades de criança.

Esta é a minha biografia. Se eu inventei é porque não consegui suportar a realidade.

Sumário

Capa
Rosto
Apaixonado e amanhecido
Meus cachorros
Crise de consciência
Hasteando a gravata
Terreno baldio
Atentado ao pudor
Encadernado pela imaginação
Nunca fui fiel à realidade
Princesa Isabel
Iraji
O tombo
12 de outubro
Quinta pergunta
Desamarrado
Te pego na saída
O circo
Lelé
Banheira verde
O abacate
Não tenha pena de mim
Alvura
O caçula
Leveza impossível
O que ele sussurrou no ouvido?
Punhado de café
Autores
Créditos



Apaixonado e
amanhecido

Apaixonado-me quando vejo uma calçada sendo lavada.

Na rua de minha infância, entre as 8h e as 9h, os moradores deixavam a reclusão da varanda e varriam as lajes com a mangueira. O Sol batia de leve seus cascos para não cair.

Arrepiavam-me os desejos de tanta gente limpar o mundo logo cedo.

As brigas de casais, as rugas com os filhos, as rugas do rosto, as pendências financeiras eram resolvidas varrendo a rua. A missa cuidava somente dos casos mais graves.

As entradas de casa transformavam-se em saboneteiras. As poças espumosas e os passarinhos curiosos com a concorrência súbita das bolhas de sabão.

A harmonia dos movimentos, o som da palha esfregando o limo e as manchas, limpando o sangue de algum tombo de bicicleta, as marcas duplas do rolimã, o jogo da amarelinha.

Que vontade de consertar a vida havia naqueles cotovelos girando de cima para baixo. Remadores a seco, cumprindo a porção de suas quadras. Alinhados. Concentrados em expiar os pecados antes do meio-dia. Viúvas, senhoras em licença-maternidade, empregadas, zeladores, aposentados em trajes humildes, irreconhecíveis em sua pobreza matutina.

A vitrola da vassoura, tchumtchumtchum.

Lavar ruas, lavar escadarias, o cheiro agudo do alvejante. Meu cuidado para passar, torcendo que o esguicho se distraísse e fosse me banhar nos dias quentes da primavera.

Fui para a escola, fui para universidade, sempre me encontrando com a juventude da água e as velhas mãos de seus moradores dançando no meio-fio. A corrente ia vagarosa e obediente descer a lomba até saciar a boca de lobo.

Na ordem mínima de meu bairro, a rua escovava os dentes. E as mulheres e os homens saíam ao trabalho com as noites coladas em seus corpos.

Apaixono-me quando vejo alguém lavando o piso. A manhã vaporosa dos sapatos cuidando para não escorregar. Olho otimista para o chão. Olhar para o chão não é desvalia, depressão, fracasso. Olho para o chão mais do que ao céu. E me levanto pouco a pouco, firmando as pernas da esperança.

Creio que sofri fome de amor nos meus primeiros dias, e o que enxergo chegando perto de mim é visita. Eu me apaixono por qualquer motivo. Eu me apaixono até pela falta de motivo — a verdade é essa. Apaixono-me por estar amanhecido.

Meus cachorros

Eu tive meus cachorros e fui me desvencilhando das cordas e coleiras, da proximidade. Não criei mais laços com os latidos.

Finjo que não tenho mãos para demonstrar afeto.

Meus cães eram vivazes, vira-latas, baldios. O primeiro tinha o nome de Xodó e a empregada tratou de deixar o portão aberto de propósito. Nunca mais foi visto. Nem ele, muito menos a empregada.

O segundo surgiu no dia 7 de setembro e dei o nome de Sete. Eu assistia *Moby Dick* e chovia canivetes. Apareceu na porta, encolhido, doente e famigerado. Pedia uma vida para dar. Não sei como consegui convencer minha mãe. Criança tem seus truques. Depois de adulto, nossas mentiras assumem cacoetes e são percebidas a distância. Sete morreu ao escapar de meus braços e cruzar a rua. Era o meu aniversário, três anos juntos, seu pelo castanho combinava com meus cabelos loiros. Ele jogava futebol com laranjas. Andava pelos muros como um gato. Lambia meu rosto quando chorava. Estava colocando uma camisa nele.

Claro que cachorro não gosta de bancar o boneco de pelúcia. Ele se revoltou com a blusa e pulou para fora da calçada. Um carro o fez vento e velocímetro. A culpa me engasgou e virou asma.

Eu vi Sete se despedir debaixo das rodas. Seu olhar de pulseira de relógio, o gemido do ponteiro, que qualquer um pode escutar ao aproximar o tempo do ouvido. O gemido longo — início de um uivo — que guardei no pátio, com uma cruz feita de uma antiga pipa, e a inscrição: “Meu cachorro não sofre do medo do paraíso”.

Crise de consciência

Nossa emancipação na infância foi montar um time de futebol com camisas. Não faríamos mais pelada, mas algo profissional.

Conseguimos uma ponta de estoque de uma loja. Um fardamento horrível, que poderia servir de sinalizador no escuro. A camisa amarelo ovo, casca de banana maracujá, brilhante, com bordados em azul, que deixava uma asa acumulada e sem jeito de limpar.

Era mais perto da seleção colombiana do que da brasileira, apesar da gente acreditar no contrário.

O primeiro jogo seria a turma da Rua Lageado (nosso time) contra a Rua Lavras. Eu fiquei com dor de barriga antes da estreia, que seria feita com redes (imagine só!) no colégio Vera Cruz. Tínhamos até técnico, que era um motorista de lotação. Ele dirigia a equipe como o trânsito de Porto Alegre.

Eu vestia a camisa 10, intocável, e imaginei ser cadeira cativa. A bola era minha, mas isso não fazia diferença com a turma da Lavras — ela sempre roubava a bola no final. O treinador pediu para eu sair. O jogo estava empatado sem gols. Aquela rede até o momento não mostrava utilidade. Achei uma ofensa. Sair no meio da partida significava que não jogava bem. Um fracassado.

Vi quem iria me substituir. Era meu irmão caçula Miguel, dois anos mais novo. Pode parecer bobagem, mas representou minha primeira crise de consciência. Fominha, me interessava unicamente em permanecer em campo. Ao mesmo tempo, olhava seus cabelos encaracolados como um anjo, o corpo magro, com a cara colada na cerca, na expectativa de minhas palavras, de um gesto afirmativo, de uma compreensão súbita. Só eu poderia confiar em sua entrada.

Nunca doeu tanto, fiz força, dobrei o egoísmo. Ele entrou, nervoso com suas chuteiras luzindo e as meias que cobriam os joelhos. Me beijou na testa, pouco se importando com a coloração do suor. Dei minha camisa. Na primeira bola que recebeu, foi correndo como uma locomotiva de cabeça baixa, tricotando, cerzindo a si mesmo, e houve um silêncio maior de todos ao redor para escutar somente a bola estourando no gol.

Hasteando a gravata

Dia da bandeira. 1979. Foi a primeira data em que usei gravata e a única vez em que a combinei com uma bermuda e uniforme escolar.

Minha mãe deu o nó na peça emprestada do pai e a colocou solenemente em meu pescoço. Lembrava uma manta enorme. Era colorida, listrada, com tons vermelho e azul. Cheguei no colégio atrasado, alegre com a novidade que tanto insisti em botar. Os colegas esperavam no pátio.

Ao me enfileirar, talvez em função da gravata gigantesca, a diretora me chamou para hastear a bandeira. Maldita hora em que me vesti como um adulto. Não sabia fazer aquilo. Minhas pernas tremiam como um fantoche. Tinha duas linhas de pescar e necessitava levantar uma delas.

O hino começava a ser executado por um velho toca-discos da sala do audiovisual, mas algo deu errado. O som ficou estacado no mesmo refrão. O aparelho havia esquecido o próprio hino. Respirei aliviado, já que não era só eu que padecia de dificuldades de decorá-lo. Ganhei tempo para entender como fazer a flâmula imitar pandorga. A música voltou e todos, até os pássaros mais remotos, me fitavam com civismo.

A bandeira não subia e o hino estava pela metade. Ouvi risos retraídos ao fundo. Era complicado fingir movimentos dos lábios e disciplinar o elevador do poste. Estava desistindo quando me lembrei do gesto materno durante a manhã. Imittei. Puxei as cordas da bandeira como quem puxa as línguas da gravata. Fiz um nó entre o vento e minha respiração.



Terreno baldio

Do lado esquerdo: morei durante muito tempo, mais tempo do que o tempo, ao lado de um terreno baldio.

O sonho de minha mãe era transformá-lo em campo de futebol. Meu sonho consistia em que ele nunca fosse tocado. Um muro baixo o separava de minha janela.

Eu podia pular direto para o matagal e fazer minha inspeção com o facão de cana que recebi de presente do avô. Fugia da sesta, colocando antes travesseiros na cama em meu lugar. Havia até uma bananeira que funcionava generosamente como escada para descer.

O terreno baldio me influenciou para a poesia. Meu pátio proibido. Uma floresta enferrujada. Eu adivinhava quando um bicho morria pela ronda baixa dos urubus.

Os vizinhos jogavam fora o que temiam, o que não prestava, o que denunciava intimidade, e eu fuçava, sem medo do contágio das lembranças que não eram minhas nem mais dos outros.

Encontrei uma mala velha com uma centena de pentes novos dentro. Não entendi o que eles faziam ali. Não entender é próprio do terreno baldio. Já coleí farelos de cartas de amantes e achei livros de sacanagem. Senti excitação, pouco entendendo o que fazer com ela na infância. Conservei as imagens para amar depois.

O terreno baldio fez meu rosto se inclinar definitivamente para o lado esquerdo. Preparei brinquedos a partir dos escombros de bosque. Roupas femininas arremessadas da calçada cobriram um pessegueiro durante muito tempo, mais tempo do que o tempo. A árvore germinou os panos e ninguém percebeu a diferença.

Atentado ao pudor

Fiz a primeira comunhão de fecho aberto. Ninguém me avisou. Até posei orgulhoso diante da igreja São Sebastião, no Bairro Petrópolis. O olhar invernososo, ainda demorado da manhã.

Eu achava que adulto tinha que colocar a mão no bolso. Meu pai colocava a mão no bolso, mas para procurar as chaves do carro. Eu carecia de chaves e carteira. Banquei o maduro e não sorri. O cinto era de minha irmã, azul desbotado, de plástico.

A calça era tão grande que não houve bainhas para abolir sua vocação de manto. Os sapatos vieram de meu irmão mais velho e a camisa fora emprestada pelo vizinho, já que não aceitei usar uma de babados, tipo Elvis.

O cabelo imitava um cacique. O padre, se não me falha a memória, se chamava Alfredo. Ao me entregar a hóstia, perguntou se estava certo disso. Eu disse:

— Não sei.

A catequese não havia mencionado esse interrogatório no final. Ele me deu a eucaristia para não atrapalhar o andamento da fila.

Encadernado pela

imaginação

Na véspera do ano letivo, eu adivinhava que ficaria a noite acordado com a minha mãe na cozinha.

Ela comprava blocos simples para seus quatro filhos, já que não tinha recursos suficientes para adquirir cadernos de capa dura.

Uma tristeza me abatia no início; uma frustração, nunca poderia competir com as figuras de desenho animado das capas da turma. Pernalonga, Mickey e Cebolinha sorriam nas mesas ao lado. Queria ser como eles, não diferente.

Meus cadernos vestiam roupas iguais às minhas, sem estampas.

Alheia ao meu desapontamento, ela tomava folhas imensas de papel de presente e celofane e encadernava um por um dos volumes. Dobrava nas pontas e explicava todos os movimentos de durex e doçura. A tesoura iluminava suas mãos como um súbito esmalte cinza.

Pedia para que respirasse o caderno novo, depois algum livro e dizia:

— Não há cheiro melhor. O cheiro é o caráter do livro.

Com a velocidade de um escorregador, logo deslizava do papel para minha nuca para brincar que eu era sua caligrafia predileta.

Desde lá, eu contraio os ombros quando recebo um beijo no pescoço. É impossível controlar o arrepio se ele vem desde a infância.

Mesmo trabalhando dois turnos, cozinhando, cuidando sozinha da casa, a mãe encontrava tempo na madrugada para embrulhar vinte cadernos e distribuí-los nas mochilas com a ordem de um jardim.

Não sei quando dormia. Não sei quando acordava. Não sei quando saía. Não sei quando chegava. Mas estava sempre lá quando a gente precisava. Bem-humorada, retirava fantoches da pobreza do pano.

Deixava os blocos atraentes, novos. Como se fosse uma costureira e sua máquina preta, como se fosse uma cozinheira separando os grãos saudáveis dos

doentes no alguidar.

Durante a aula, tentava esconder a superfície do meu material dos olhares curiosos da classe. Colocava os dois braços por cima para ninguém espiar e descobrir que me faltava dinheiro. Simulava castigo. Uma preguiça orgulhosa, dormindo protegido na almofada das letras.

Mas os colegas empurravam meu corpo, cruéis com as novidades do primeiro dia.

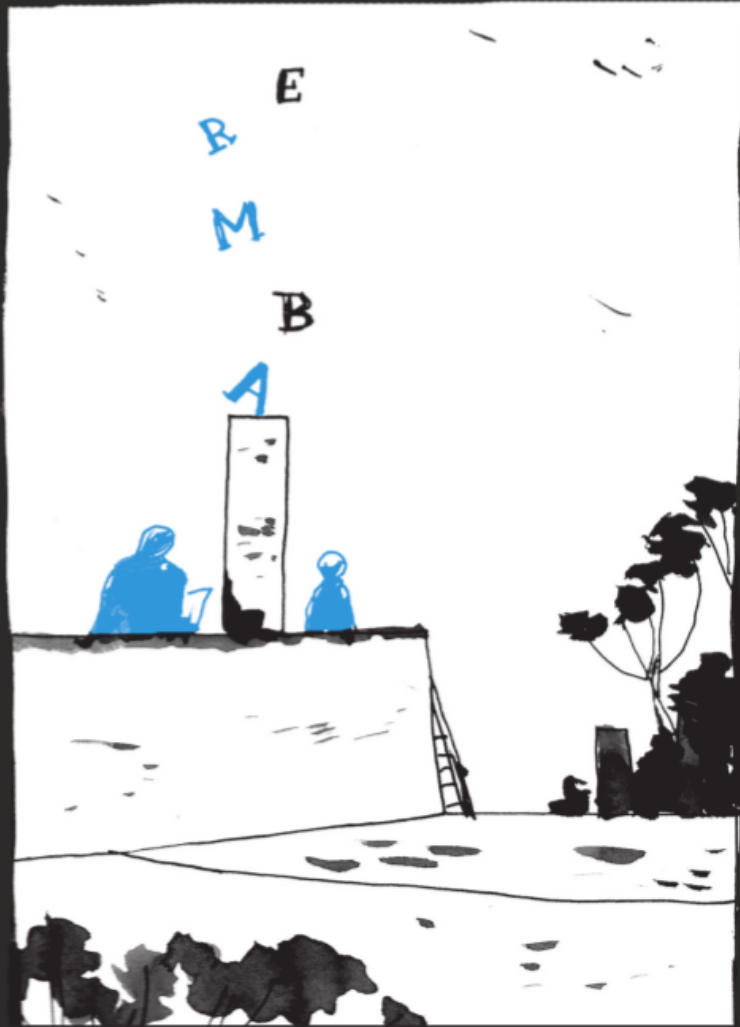
— Deixa ver? Deixa ver?

Abria os dedos com timidez contrariada.

— Que lindo. Onde você comprou?

Lembrei do capricho materno arrumando as folhas, juntando os recortes e fazendo os conjuntos tão pessoais, que éramos — eu e os irmãos — os únicos da escola a contar com aquela fachada íntima e colorida de diário.

— Onde comprei? Da imaginação de minha mãe.



Nunca fui fiel à
realidade

Eu morei um terço de minha infância na caixa d'água em cima do telhado.

Na 1ª série da escola, depois de chamar a professora de “tia”, abria os cadernos e começava o terror: o ditado. O início de meu dia era o final do meu medo.

Eu ficava como um cavalo, com a cabeça ao ar, prontificado para o disparo. De tanto olhar, conhecia minuciosamente o mapa de linhas e estrias da boca da professora. Uma boca levemente torta, de cachimbo. Ela fingia dizer pela direita e saía pela esquerda. A boca pequena e amassada, interruptor da sala, lustre, maçã da mesa, giz branco, quadro-negro.

Tentava anotar a primeira palavra e escorregava a segunda. Os ouvidos suavam. Eu reparava nos colegas e todos acompanhavam a marcha da boca torta, pontuais, virando a continência para a direção certa. Eu fingia acompanhar, abismado, do lado errado do pulmão, extraviado nas pausas. Errava a linha, a letra, o som.

A correção acontecia uma hora depois do teste. Meu melhor desempenho no ano parava nos três acertos de dez questões. Com os resultados, os amigos comemoravam, pulavam nas cadeiras e mostravam suas estrelas, estrelas bordadas em torno do brasão das camisas e nas ombreiras dos casacos. Caminhava entre generais e jogadores de futebol. Reduzido a uma linha azul entre nove cruces vermelhas, deitava mansamente na minha classe, aguardando o acalmar do piso.

Ultrapassava setembro e havia perdido o nome, chamado de “ano perdido” na sala dos professores. Voltava para casa pelos fundos. Fazia da churrasqueira uma escada e não almoçava, escondido no vão da caixa d'água. Era minha árvore de água. Morava o meio-dia nas telhas, entre visitas de gatos e apelos dos pais e irmãos para descer.

A boca torta mandou um bilhete para minha mãe comparecer com urgência na escola. Lustrando os óculos na camisa, disse: “O menino não tem conserto. Não vai se alfabetizar”.

Eu escutei a conversa atrás da porta. Atrás do ventre da porta. Com as raízes dos dedos no trinco. Sem abrir. Sem fechar. Sem. A mãe respondeu braba, nunca vi ela braba de esperança. Tomou para si a responsabilidade: “Deixa comigo”. Firme e decidida, me puxou pela mão e me levou de volta a minha boca. Comprou uma escada e subiu comigo no telhado. A árvore de água. Nunca imaginei uma mãe no telhado. Abriu um envelope com um quebra-cabeça de separação de sílabas. Sua letra emendada parecia formigas no pão. Sua boca não era manca. Soprava uma expressão e montava a caligrafia. Descobri palavras dentro das palavras, vocábulos dentro dos vocábulos. Como filhos e fogo bifurcado.

Descobri que o alfabeto não era a respiração da professora, mas existia antes dela. O alfabeto e a árvore da água. A chuva foi folhagem daquela manhã em que passei no ditado e não comemorei. Orgulhoso, esperei o piso se acalmar. Eu já sabia o meu lugar.

Princesa Isabel

Tinha que fazer um trabalho sobre a Princesa Isabel para a 3ª série. Fui pesquisar na Barsa. Achei rapidinho o nome dela. No centro das folhas, vi uma Isabel que não era princesa. Um encarte colorido com uma loira de quatro.

A mulher me olhava por debaixo das pernas. A vida arregalada. A mulher ainda acenava, sorridente.

Ao virar a folha, sem tempo para coçar, vejo meu irmão chegando rápido e retirando a revista de minhas mãos. “Isso não é seu (pausa). Nem meu (ele pensou melhor). Não vai entender agora.”

Com voracidade, eu me dediquei religiosamente à biblioteca naquela semana. Explorei um por um dos verbetes. Revirei todos os volumes, mas nenhum fazia mais referência a minha abolição.

Quando entrei na escola, meu amigo inseparável era o Iraji. Eu tinha certeza de que ele seria jogador de futebol. Barbarizava os meninos das 4ª e 5ª séries com balãozinho, janelinha e meia-lua.

Cabelos cacheados, baixinho, franzino: tímido fora de campo, destemido com a bola.

Tonteava os adversários com ioiô e elástico. Produziu os lances mais bonitos e plásticos da cancha de concreto da Escola Imperatriz Leopoldina. Como companheiro de ataque, ele me tornou melhor do que realmente sou. Algo como Careca ao lado do Maradona no Nápoli.

A turma o reverenciava como Negrinho do Pastoreio, um capoeirista do meio-campo. Ainda recordo do cheiro do seu uniforme, uma mistura de suor, dois ônibus e pão com manteiga.

Conhecia seu percurso. Nossa aula começava às 13h30, mas ele estava na esquina às 11h30, sentado no muro do outro lado da calçada (visionário, antecipou em uma década a necessidade de um guardinha de rua).

Eu o enxergava antecipado no horário e o convidava para almoçar. Antes, convencia minha mãe, dobrava sua angústia com imprevistos. Ele rebatia que não, que estava satisfeito. Deixava o colega paradinho em seu posto de observação, com a mochila encardida debaixo do braço. Voltava em seguida e perguntava se ele não queria apenas beliscar alguma coisa. Ele aceitava e comia dois pratos.

Dia a dia, repetíamos a cena. Reproduzíamos a igual negociação sem tirar nem pôr.

Ele chegava antes, eu convidava, não aceitava, reconvidava e vinha louco de apetite. Não quis constrangê-lo com a mudança de costume, ele tampouco fez questão de assumir um lugar fixo na mesa.

Nossa convivência durou até que ele rodou de ano. Depois foi desaparecendo para aquilo que acreditava que seria o sucesso, já que um

olheiro passou na escola para vê-lo atuar e ficou assombrado. Saiu do colégio na 5ª série para atuar no infantil do Inter e estudar no contraturno.

A vida e o kichute viviam amarrados em suas canelas.

Na despedida, dei uma camisa do colorado. Ele me abraçou fervorosamente, ainda recorro do cheiro, uma mistura de suor, dois ônibus e cacetinho com geleia. Prometeu que faria o primeiro gol profissional para mim. Eu me guardei na expectativa.

Iraji, Iraji...

Nunca tinha visto alguém vocacionado ao futebol daquele jeito. Conseguia embaixadinha com pedras, pinhas e laranjas. Cabeceava bolinhas de tênis com precisão. Seu toque de calcanhar encobria o goleiro.

Cresci, amadureci, formei família e não o reencontrei no estádio ou na rua.

Tive notícia de que fraturou a perna numa dividida na categoria de base e não pôde continuar no clube. Logo ele que depositou sua escolaridade no esporte.

Não digeri as fintas do destino, a crueldade com seu talento.

Depois tive notícia de que trabalhava como porteiro no Bairro Sarandi.

E descubro que, desde a infância, sua verdadeira profissão é esperar, como a de todos nós. Ele continua me esperando. Continua esperando ser chamado, notado, percebido, amado.

Agora dentro de um prédio.

Ponho mais um prato na mesa, vá que ele mude de ideia e sinta fome da minha amizade.

Rodrigo, irmão dois anos mais velho, me convidou a andar na garupa de sua bicicleta. Era uma Caloi com freios nos pés.

Ele não alcançava os freios. Descobri isso depois.

Subimos ao início da lomba da Rua Lageado. Eu exultava como um escolhido para uma missão secreta. Descemos a lomba com força.

Eu fechei os olhos para sentir a esponja do vento no pescoço. A espuma do vento nos cabelos. Rajada indomável. Corria apenas com as narinas. De repente, meu irmão grita “pula!”, quando ele já tinha pulado.

Eu o vi no chão, recordo com precisão. Quem dirigia a bicicleta? Não adiantava responder. À frente, uma parede de tijolos de nossa reforma. As pedras empilhadas até o busto da árvore. Fui, explodi em cacos e lascas. Fiquei soterrado. No dia seguinte, tinha mercúrio vermelho por todo o corpo.

E não era Dia do Índio na escola.



12 de outubro

Minha primeira festa de aniversário aberta aos amigos aconteceu em 12 de outubro, onze dias antes da data oficial. Sempre quis receber uma caravana de presentes, depositá-los em uma caixa de supermercado e depois esparramá-los em minha cama. Presentes grandes como travesseiros de vó. Observar todos reunidos em torno do bolo, todos me invejando por estar ali no centro da mesa soprando as velas. Depois de longa insistência, ao completar cinco anos, a minha mãe convidou os colegas de turma. O meu nome no convite me deixou orgulhoso. Mais orgulhoso do que meu nome na certidão de nascimento.

Centenas de doces e salgados, garfos de plástico e pratos de papel, guaraná, língua de sogra e balão. A família preparou a comida durante uma semana. Eu me vi vivo e não me acreditava. Lembro que vesti uma camisa listrada. Não usava pescoço. Minha cabeça rebojava solta nos ombros.

Os cabelos foram penteados para o lado, acentuando a testa. O pai me emprestou sua loção pós-barba, que eriçou uma penugem imaginária. Às 17h, sentei na escada diante do portão de ferro para aguardar as pessoas. O portão de ferro, pesado. Meus olhos oblíquos e os olhos lisos da maçaneta. Escutava os passantes, as formigas se movimentando, os sapatos afobados passando pela casa e não entrando. Escutava minha própria ansiedade.

“Será que me acordei no dia errado?” Contei os furos de meu cinto, seis. Estava no segundo. Contei os buracos de meu tênis, seis. Contei os botões de minha camisa, seis. Contei esconde-esconde e ninguém aparecia para bater no muro. Fui murchando o rosto na gola. Envergonhado pelos pais. Envergonhado pelos irmãos. “O que pensariam?”

Às 18h, a mãe pediu para entrar. Eu gritei: “Não, só mais um pouquinho. Tô ouvindo, tô ouvindo chegar!”

Ouvia as cigarras sacolejando a grama, as baratas escondidas nas garrafas, o murmúrio das correias de uma bicicleta.

“Tô ouvindo chegar!”

Ouvia o escapulário indo de um lado para o outro nos seios de minha irmã. Mas o mundo não chegava.

O portão de ferro escorria vento em seis frestas. Sei que me puxaram com força, me pegaram no colo, e não chorei de tanto que desejei chorar. Não chorei porque não podia. Não chorei, pois a boca não ajudou. Fiquei mudo, embrulhado, adivinhando o que havia dentro de mim pelo barulho solto de alguma peça, de alguma lembrança, de algum menino.

Feio, pernas tortas, língua presa.

Mensalmente, eu era submetido a um eletroencefalograma para verificar se havia algum problema mental. O médico me colocava uns bobes meio estranhos e eu ficava envergonhado. Quem usava aquilo era a mãe.

Examinavam-me com mechas elétricas, fios castanhos que nada tinham a ver com o desvario loiro. Quando fui fazer o exame, cogitei a hipótese de que o médico caçava piolhos. Não botou Neocid, um pó branco que me dava alergia como o giz da escola, isso me confundiu.

No eletro, ele montou uma arapuca difícil de reconstituir na tapeçaria dos cabelos, jurava que estava sentado em um salão de beleza disfarçado. O que mais gostava na vida era acompanhar o pai no barbeiro e folhear revistas velhas. Meu pai contava sempre a mesma piada ao tio, que ria exatamente igual como da primeira vez. Não sei se era generosidade ou interesse comercial. O beijo de meu pai na terça-feira cheirava a loção pós-barba.

Agora não entendia o que eles procuravam em mim. Caracóis, lesmas, insetos?

Eu, no máximo, comi um mosquito de boca aberta. Tomei água para descer o comprimido de asas.

Durante uma hora, fui descrito por um monitor, que traçava linhas para baixo e para cima. As linhas não pareciam desenho da minha cabeça, além de fugir das cercas da caligrafia. Aquela caneta sem mão desenhava ainda pior que o Pequeno Príncipe. Não me meti para não faltar com educação, já que estava de macacão, roupa de domingo.

Quando botava roupa de domingo, era porque iria participar de algo importante e me esforçava ao recato e ao silêncio para não sofrer castigos. Eu apanhei quando brinquei com o irmão debaixo da mesa da missa. Eu puxei sem querer a toalha da mesa e o cálice de vinho arrebentou no chão.

Arrebentou é modo de dizer. O padre subitamente tingido pela golfada vermelha. Todo mundo gritou:

— Mataram o padre.

O padre estava apenas sujo de Deus. Enquanto escutava o alarido insano, preocupei-me com a ideia de que a roupa não poderia ser lavada. Deus não toma banho. Ou será que luz toma banho?

Ninguém me explicava depois da quarta pergunta. A quinta pergunta carecia de resposta do mundo.

Podia ser castigo aquele varal entre uma orelha e outra. O médico dizia: “Não vai doer, é como um raio X”. Já tinha feito raio X da cabeça. Várias vezes. Entendi que era parente do raio X. Ele botava chiclete no meu cabelo e a mãe deixava. Desejei ser médico, para usar avental branco e me permitir contrariar a infância.

Ao sair do consultório, os pais comentavam que não havia nada, nunca havia nada e eu voltava igual para repetir o ritual. Acabavam tristes porque não encontravam explicação para minhas vontades de terreno baldio.

Eu admirava a bananeira do terreno baldio. Como era linda: suas camadas castanhas, feixes verdes, exuberante de bichos e solidão, escorada nas calhas do vento.

Os pais se abatiam porque não apresentava um sintoma, uma doença. Ressentidos com minha vida insubordinada.

Tudo bem, eu havia cortado a testa cinco vezes nos últimos dois anos: uma ao imitar o Tarzan com a corda do pátio, a segunda ao brincar de amarelinha nas pedras de um rio, a terceira ao perseguir um amigo e não enxergar a quina da parede, a quarta ao escorregar e apunhalar a tampa da mesa, a quinta no pega-pega da escola. Somava trinta e cinco pontos até os nove anos, mas não chegava a ser motivo de preocupação.

Lembro-me de ir para a aula com resíduos da massinha do aparelho nos cabelos.

Investigaram-me e não descobriram o sentido da falta de sentido.

Fingi bem.

Meus cadarços duram apenas vinte minutos. O nó é infiel. Não sei amarrar. É uma de minhas tantas fraquezas. Ao correr um pouco mais, lá estão os cordões desembrulhados, lambendo o chão. Eu tropeço em mim. Dou nó em gravata, mas com o sapato me perco na hora de fazer a ponte. A mão sempre quer passar por cima como um pedestre, não por debaixo como um barco.

Tentei seguir um desenho na infância e o máximo que fiz foi colori-lo. Proponho um laço de cabelo quando na verdade deveria montar uma barraca. Meus sapatos não são capazes de falar adeus. Não terminam relacionamentos. Na escola, passei grande parte do tempo escondendo essa imperfeição. Deixava a corda embutida no feixe. Amontoava ciscos em ninho. O vento aproveitava a ausência de prendedor.

Quando jogava futebol, não foram poucas as vezes em que o tênis voou junto com a bola. A sensação é que andei a minha vida com pantufas, o couro folgado, carretel de lã.

Impregnei-me de uma ternura vadia, de crepúsculo e odor de chuva. O sapato frouxo faz barulho de gripe. A língua para fora, cachorro com sede. As meias são devoradas no tornozelo.

Os sapatos acabaram insaciáveis, curiosos, boêmios. Vivem longe de casa. Comem o que ainda nem andei. Desagradável é ser notificado em cada esquina: “Seu sapato está desamarrado”. Ajoelho-me com frequência para orar lesmas.

Metade de meus atrasos deve ser creditada aos fios soltos. Criei uma série de táticas para não ser observado. Como um mágico embaralhando cartas, sou rápido para confundir. Minha letra é feia em função dessa falha dos pés. Não posso escrever educado, pois não sou capaz de educar o que caminho. Não posso andar na linha, minha caligrafia é um mapa cardíaco.

Caio com naturalidade. A queda não deixa de ser uma rua. Alumbramento aconteceu na residência de minha mãe. Eu já adulto. Ela se

agachou para cruzar seus cadarços. Notei que ela tampouco sabia. Acho que meus irmãos enfrentaram o mesmo destino em silêncio. Minha mãe me ensinou os tropeços.

Te pego na saída

No colégio, não provocava nenhum amigo. Longe de mim brigar. Franzino e cabeludo como espiga verde. Queria distância de discussão, engolia em seco desaforos. Não chamava atenção da professora e nem do ódio. Evitava sentar na frente da sala como um CDF ou no fundo como um rebelde. Flutuava no miolo das classes entre os extremos.

Mas um dia, distraído do medo, respondi a um colega que derrubou minha merenda. Gritei “idiota” tão alto que deve ter arranhado a vidraça. Finalzinho do recreio, a turma inteira me ouviu. Ele era forte o suficiente na época para fazer tatuagem no braço e sobrar pelanca, o que não era pouco para seus doze anos. A sentença veio na hora: “Te pego na saída”.

Pegar na saída representava luta livre no final, fora dos muros da escola, sem diretora para apartar. Não havia jeito de escapar. O colégio inteiro passou telefone sem fio, a avisar que teria surra antes do almoço. Uma euforia descomunal tomou conta do entorno. Ringue de escola pública não cobrava ingresso, cobrava palavra de honra. Entrei na sala como um homem morto, a atravessar um dos períodos mais longos de minha desajeitada vida. Respirava fundo, recebia bilhetes de quem torcia por mim e recados de que seria espancado por outros poucos simpatizantes. O pior é que a escola oferecia um único acesso, o que facilitava emparedar as vítimas. Ou se pulava o muro de dez metros ou se inchava o rosto com hematomas.

A aula de matemática nunca foi tão boa. Prestava atenção e não desejava que terminasse. Fiz perguntas, fui ao quadro-negro, o que destoava do laconismo do ano. Roí cada minuto que passava no cebolão verde do pulso. Vontade de chorar pelos ouvidos. Eu me sentia importante, observado, a maioria me tratava com a reverência da piedade. O sinal soou e fui o último a deixar o corredor.

Caminhei lento com a cintura desamarrada, com a mochila pesada dos livros que ainda não havia escrito. Os urros me anteciparam. O adversário

me aguardava na praça. Nem esperou minha fala e me acertou a barriga. E acertou meu queixo. E acertou meu rosto. Os estalos se prolongaram com rapidez, deixei de contar os solavancos e levantava os braços para não me afogar.

O sangue surgia na boca como uma lesma no muro. Até que uma menina se postou em minha frente. Permaneceu de costas para o agressor, vulnerável, a me proteger como um escudo. Ele parou. Não sei como a multidão se dispersou. Os dois sozinhos: eu soluçando, ela remando calma em meus braços. Ela me abraçava, os cabelos como ervas se despedindo da manhã. Sujei sua camisa branca e ela não se importou.

Senti seus pequenos seios naquela hora contra o meu peito. Eles se mexiam mais do que as minhas feridas.

Meus pais confessaram que tentaram fugir com o circo, mas foram pegos com a trouxinha de pano atravessando o portão de casa. Cada um em sua infância. E ficaram de castigo e sem almoço. Cada um em sua cidade.

Sofria uma expectativa irreal de conhecê-lo: apanhar a magia que faria meu pai e minha mãe desistirem de suas famílias. O que teria de fascinante?

Quando me levaram para uma apresentação, caminhava tremendo os joelhos. O medo de contrair a vontade de fugir também. E desamar o que recebi do ventre.

— Tenho certeza de que vai gostar! — avisou o pai.

Sentei na arquibancada de madeira, pedalando as longas frestas dos degraus. Havia uma pobreza acentuada pelo cheiro dos bichos e da terra vermelha. Não era tão colorido quanto os meus delírios. A lona estava terrivelmente emendada, costurada, uma camisola gigante de trapos.

Recebi uma maçã de amor. Comia a fruta toda manhã no recreio da escola, mas o caramelo atraía e enganava a língua. Mordi e não abri a crosta açucarada. Machucou o dente da frente. Ela apenas ocupou minha mão durante uma hora, fiquei culpado em devolver ou colocar fora.

Os palhaços vieram e não achei nenhuma graça. O público morria de rir e eu morria de compaixão. Soprei gargalhadas para não ser desmascarado e contentar o esforço de quem conta a piada. Uma pena, desde aí sei rir sem vontade de rir. Para agradar.

Vieram os trapezistas e não achei nenhuma graça. O público soltava um “ai”, um “ohhh”, um “ahhh” no arremesso dos corpos ao vento, e eu bocejava. Não me arrepiava com as acrobacias. Vieram os engolidores de fogo e não me apavorei com a chama se alastrando pela boca. Vieram os elefantes, as girafas, os macacos; os animais tinham um cansaço pouco espiritual. Vieram os domadores de leão, e qualquer um pressentia o clima

amistoso e a falta de perigo. Descobria quando encerrava o número alertado pelos aplausos.

O pai insistia em confirmar o agrado:

— Tá gostando, tá gostando?

— Sim, muito.

Uma pena. Desde aí sei mentir sem vontade de mentir. Para despistar.

Os irmãos saíram imitando o festim do picadeiro, narrando suas encenações prediletas, copiando os trejeitos dos artistas. Eu seguia calado, puxava as bordas de minha bermuda como uma saia, para não me sujar com as poças paradas dos próprios olhos.

Cheguei em nossa casa, peguei um cobertor e cobri as cadeiras. Fiz uma tenda. Acampeei os ombros da mesa. Deitei no chão frio, escureci, soluicei baixinho a alegria que não vingou. Ou a minha falta de preparo. A alegria foi e é somente uma ameaça. Buscava um tempo sozinho, para me aliviar da algaravia e da decepção de não ser como os outros.

Ainda ouvi meus pais, eufóricos:

— Fabrício curtiu tanto o circo que montou um na sala! Venham ver!

Amar é não ter paz.

Lelé

Não dormia com ursos e bonecos na infância, dormia com um pano sujo chamado Lelé. Quanto mais imundo, melhor. Ficava com cheiro de gente.

Não o largava, levava pelo pátio como uma pandorga humilhada. Não aceitava que lavasse o pano — precisava exalar o cheiro usado da vida, o bafo do quarto, o azeite das árvores, o fedor dos muros quando nasce o musgo.

Um dia, a mãe lavou o pano e não dormi de noite. Acordado em protesto.

O Lelé era a minha solidão. Desde lá minha solidão é insônia.



Banheira verde

Um dos alvoroços da infância foi quando o pai decidiu que colocaria uma banheira em casa. Uma banheira, para qualquer criança, na época, significava meia piscina. Em nossa situação, o máximo que poderíamos chegar perto de uma piscina. (Desculpa, o pai não decidiu, o pai só decidia depois de muita persuasão da mãe. O pai concordou.)

Eu e os três irmãos atravessamos noites inteiras confabulando banhos em equipe, pulos, saltos, guerra de espuma, lavagem dos brinquedos. A agitação e a excitação nos faziam gaguejar. A alegria tem sempre tanta pressa. Não havia conversa que não mencionasse a troca do chuveiro rápido pelas águas lentas. Iríamos mergulhar — imaginávamos. Cogitamos todas as cores possíveis, refugando o rosa preferido da irmã.

Enfrentávamos a reforma da residência, uma bagunça sem igual, com valas enormes abertas no pátio. Homens prorrompendo e saindo pela cozinha com as botas sujas de lama.

O abacateiro, nosso caminho ao telhado, fora cortado pela compensação da banheira. O construtor trouxe vários modelos no caminhão para se experimentar. Postos no chão, o pai se agachou por dez segundos no primeiro que viu, levantou rápido e disse que desejava aquele. Na verdade brincou de morto-vivo. Lembro que observávamos o teste, loucos para pousar na nova frigideira de louça. Ao redor dela, o chuveirinho nervoso de nossas mãos. Não houve chance. Negociação rápida.

Não sei se o pai estava de mau humor, definiu num aceno de cabeça a ansiedade de semanas. O construtor ainda perguntou: “E os outros? Há novas opções?”. Resmungou que não. “Aquele!” Percebemos que o pai não entrou na banheira, era pequena, entrou com as pernas dobradas, o que não valia muito. Entrou em posição de sequestro.

Não compreendi como ele pagaria uma banheira para se encaixotar, para se dobrar, desconfortável. A banheira verde foi instalada com sussurros de velório. Mirrada. Minúscula já para os meus oito anos. Parecia uma pia

avantajada de lavanderia. A mãe reclamou ao pai: “Ficou maluco?”. Ele tossiu para ganhar autoridade: “Pensei que ficaria maior com a água”.

Na semana seguinte, o pai avisou os filhos que iria se separar da mãe. Era — agora sim — sua decisão, tomada bem antes da reforma. Moraria em um hotel por enquanto. Ouvimos o ralo sugar a voz paterna.

O que me deixou mais irritado é que ele nunca usou a banheira. Nem ao menos devolveu o abacateiro.

Na fruteira, vou pesar o abacate e contesto os 800 gramas. Quero pagar mais!

Digo ao atendente, com seu uniforme marrom de mercado, que não é justo 1/3 dos meus trinta e três anos receber uma etiqueta com esse mísero peso. Ele não entende, faz sinal ao longe e convoca o gerente.

Enquanto os funcionários descrevem minha loucura, aliso a textura do abacate, sua cortina inefável de verde, seu bronzeado de terreno baldio.

Todo e qualquer abacate pesa a minha infância. Cresci à sombra de um abacateiro. O abacate foi a minha primeira bola. O primeiro caroço de câncer benigno que descobri em meu corpo. A primeira nudez que dissequei em meu laboratório de formigas. O primeiro carrinho conversível de quatro portas. A primeira luva de lã que usei no inverno. A primeira pedra que se converteu ao cristianismo.

O pátio cheirava a abacates, bolas de fogo queimando os canteiros. Levava uma hora para reunir os primos distantes de sua família e promover a reconciliação depois da queda.

Por mais que tentasse ensinar, o abacateiro não conseguia jogar ioiô. Segurava com pouca força os ramos e perdia seus brinquedos na chuva.

Eu me assustava com sua pele afobada, que logo apodrecia, e não dava chance de chutar muitas vezes. A fruta enegrece quando madura. As impressões digitais ficavam em sua estrutura de viço e vento. Afundava meus dedos na superfície. Uma vez descobri um pássaro vivo em sua casca. Acreditei que o caroço tomou asas emprestadas e partiu, com o bucho cheio, sem aprontar as malas. Tomei pudor ao abrir os outros. Contava até vinte antes de descascar. O abacate vinha a ser o armário em que as aves brincavam de esconde-esconde.

Tarde sim, tarde não, comia creme de abacate, preparado pela mãe com excessivo açúcar para enganar a vitamina. Depois corria pelos corredores e

girava até encontrar a tontura. Atirava-me no chão para observar as goteiras da copa e a plumagem aluarada.

O abacate servia para a bondade e para a maldade. Na infância, pelo menos, a maldade era divertida. Jogava abacate dos muros. Eles explodiam a goma levemente branca e provocavam quedas cômicas dos vizinhos.

Nunca alcancei os galhos do abacateiro, o maior edifício que conhecia naquele tempo. O abacateiro subia nos telhados sem escada. Via apenas seus joelhos de quem cansou de viajar.

Eu chorei quando cheguei da escola e os pedreiros o haviam cortado. O pai decidiu ampliar a residência. Não quis ver o caixão do morto. Perguntei onde se enterram as árvores, já que elas nasciam enterradas. Não me explicaram.

Eu passei a dormir no exato lugar em que estava o abacateiro. Meu novo quarto assassinou minha árvore. Suas janelas farfalham folhas e silvos.

Por favor, por isso peço que registrem meus 72 quilos no peso do abacate.

Não tenha pena

de mim

Fui um menino iraniano no Brasil. Minha mãe falava por mim.

Ela dizia para quem se aproximava do que eu gostava e do que não gostava, se queria ou não queria, se estava com sono ou triste.

Discordava inúmeras vezes, mas ela era mais rápida do que eu. Insinuava abrir a boca e as palavras se acomodavam como dentes definitivos.

Acostumei-me com suas frases, obedecia ao seu raciocínio. Nos primeiros encontros, reagia com grunhidos. A partir do terceiro, aceitei o destino, a fatalidade, a preguiça de não participar do idioma. E apenas fazia caras e bocas para animar a dublagem.

Em jantares, lojas e festas, a mãe se antecipava, a tal ponto que ninguém mais perguntava olhando para mim. Os adultos olhavam diretamente para ela, enquanto questionavam a minha idade, o meu nome, a minha escola. Eu inexistia completamente. Estava debaixo de suas saias, porém sufocado.

Hoje, adulto, tento uniformizar as cores no cubo mágico. Girar os quadrados com paciência de astronauta. Distraído de mim, avalio o mal que isso pode ter me feito. Um mal do amor. Um mal do bem.

Com medo da minha vulnerabilidade, ela me protegia de todas as reações, inclusive das minhas. Não queria que sofresse pelos problemas de dicção, pela timidez, pela falta de equilíbrio. E eu sofria porque não podia me defender.

Favoreceu que desistisse de me expressar e me tornasse ainda mais dependente e carente.

Tanto que recordo de minha infância sem meu timbre. É um filme mudo. Com o piano vagaroso ao fundo. De modo nenhum ela pretendia me prejudicar. É um crime insinuar que errou no cuidado. Acertava na

intenção, exagerava no método. Ficava fragilizado com a permanente prevenção de constrangimentos.

Não poderia levar minha mãe comigo para dentro da sala de aula e no recreio e cresci ouvindo ofensas e desaforos dos colegas, desprovido de qualquer couraça e malícia. Não havia aprendido a responder e criar juízo.

Vejo pais que insistem em dublar os filhos. Ou porque eles estão numa cadeira de rodas ou porque são gogos ou epiléticos ou porque enfrentaram algum acidente. São porta-vozes da compaixão.

A compaixão não educa. É quando subestimamos o próprio filho. Quando não suportamos a discordância e isolamos a dificuldade. Em vez de apoiar, substituímos. Fortalecemos uma ausência.

Cuidado para não silenciar quem nem falou. A mudez empedra. E não é colorida e móvel, muito menos tem saída como um cubo mágico.

Quando aumenta a ânsia de largar a literatura ou um sonho, não vacilo, separo minhas roupas sujas para levar para a casa de minha mãe.

À maneira de um retirante, amarro a trouxa com dois nós. Não sou folgado, como você deve acreditar. Conto com máquina em meu apartamento. Não é isso. Não estou explorando a bondade materna.

É como uma bênção. A máquina de lavar de minha mãe completou 33 anos, adquirida em dozes vezes sem juros no Natal de 1974. Tem a idade de meu irmão caçula. É gêmea dele, igualmente tímida e asmática.

Ela tosse, ronca, resmunga, anda três passos enquanto centrifuga, mas não morre. Um dia a encontrei na entrada da lavanderia, quase a sair pela porta de vidro. Esticando a tomada em corda de pular.

Parece gente. Com seu uniforme de enfermeira, os cabelos grisalhos, a cintura de bisavó e o perfume azul de sabão em pó.

Ao abrir sua tampa, entorneço, como quem descobre uma vitrola funcionando. Estremeço com seu barulho familiar, a reparar as manchas de minha vida.

Prepara claridade com suas mãos de vento. Bate as claras de nossas mágoas e nossos arrependimentos.

Seu tambor, ampulheta de lã. A tosquiou minha pele não julgando se é de ovelha ou se é de lobo.

Sua tampa faz barulho de balanço de praça. Seus ossos repetem minha infância.

Medi minha altura em sua altura. Já me refugiei em seu bojo durante o esconde-esconde. Eu a chamava de liquidificador gigante. Minha mãe me fazia sentar nela para amarrar meus sapatos. Comecei a usá-la para ocultar minhas primeiras poluições.

Ela desmaiou algumas vezes ao suportar nossos uniformes enlameados do futebol, mas não morre. Engoliu moedas, bonecos, papéis, mas não

morre. Lavou minhas golas cobertas de sangue, enxovalhadas dos cortes na cabeça. Não se assustou, logo me devolveu a paz da lisura.

Foi confidente, foi advogada, foi psicóloga. Com paciência, ouvia cada adolescente praguejar contra a chuva e culpá-la pela demora. Demora que não era dela, que nunca mudou seu tempo de entrega. Pressa que era nossa de usar a mesma camisa para sair.

Três décadas sem folga. Roupas de quatro filhos, do pai, da mãe, dos netos, lençóis, cortinas, travesseiros, toalhas. Não termina de girar. Empregadas a enforcaram no sentido anti-horário e ressuscitou por lealdade. Seu único olho estrábico sempre indo da esquerda para direita.

Minha vontade é descalçar seus tamancos gastos, lavar seus pés de inúmeras inundações e comprar-lhe sapatos novos.

Ainda a verei passeando pelo quintal, tenho certeza, tomando sol e colhendo tangerinas.

Sou o filho do meio. Pensando bem, nem do meio. Sou o penúltimo filho de número par. Mas não posso deixar de invejar o caçula. Uma inveja do bem, mais admiração e respeito do que ciúme.

O caçula é o que ficará mais triste quando a casa está triste, é o que ficará mais alegre quando a casa está alegre. É a tomada, o trinco, a aldrava, o último a deixar a mesa, o último a trocar de quarto, o último a sair da residência, o último a casar, o último a receber as más notícias e o primeiro a descobrir as boas.

Não é o mais mimado — os irmãos cresceram muito rápido e ele foi o raro que permaneceu perto dos pais. O caçula é o mais ponderado, ordeiro, generoso. Limpa a sujeira e se cala quando não formou opinião. Escapa dos vícios dos mais velhos, tampouco faz de si uma virtude.

É a vítima da piada, não o algoz. Não devolve a ofensa, guarda para adubo. O caçula é nostálgico, o que viveu nunca será suficiente para se convencer de vida. O caçula é o filho inesperado, o amor inesperado, a amizade inesperada.

Não tem jeito de profeta, tem jeito de profecia. Seria o anjo da família se não houvesse castigo. Seria o anjo da família se houvesse tempo. O caçula não tem vergonha de amar a mãe. Tem disciplina de amar. A mãe envelhece perante os demais, não para o caçula. O caçula não permite o asilo.

Pode ser homem feito que continuará o caçula. É ele que colocará uma coberta de noite quando a mãe dorme. É ele que vai se distanciar do grupo para colher amoras para a mãe. É ele que vai arrumar o computador da mãe quando os outros dizem que estão ocupados. É ele que virá de longe para os aniversários. É ele que telefonará aos seus irmãos perguntando se precisam de alguma coisa. É ele que perdoará o pai pelo fim do casamento.

A família desmorona, mas o caçula não. Recomeça dos escombros como um animal resistente. A vitória do caçula é vista como obrigação. O caçula

não culpa os outros, culpa a si mesmo. Não corrige, passa a limpo. O caçula dá a mesada que recebe, reparte o salário que não tem. É o sótão, a vitrola, os móveis antigos, enxerga fantasmas, porém não delata o que vê.

O caçula abraça como se fosse uma despedida. Chega a doer o abraço do caçula. Dor alegre de irmão que não quer se separar.

O caçula é o mais fiel dos amigos, pois deve ter sido o único que conheceu realmente a solidão. Duvida até da morte para se aproximar um pouco. O caçula acredita em qualquer lembrança contada que tenha seu nome e desconfia de qualquer lembrança que partiu de sua memória.

O caçula é dos filhos o que não se acostumou a nascer.



Quem pergunta demais não deseja responder nada. Canso minhas vítimas, entretidas com questionamentos fulminantes. Enrolo e aceitam a conversa como uma entrevista. Não me comprometo — deixo uma vida sem passar o crachá.

Na sexta da Paixão, bobeei com os olhos, fixando um erro de ortografia num poste. Erro de ortografia me emociona. O anúncio oferecia “concerto de bicicletas”.

Minha namorada aproveitou o vacilo e devolveu a curiosidade:

— E a sua lembrança mais triste, qual é?

Provei do meu veneno e fiz de conta que era uma gripe. Aquilo me bagunçou para a transcendência.

Remei, remei a respiração e fui escolhendo os quadros no museu de minha melancolia. Encontrei novamente a coleção privada das minhas falhas, que arrematei num leilão e não partilho com nenhum estudioso da arte ou da dor. Atravessei as salas quietas de meus ossos, o choro mudo do ventilador, reconhecendo que a visita é sempre desacompanhada no fundo da memória.

Parei na véspera da Páscoa de 1981.

Os três filhos apertados no carro. Os pais na frente. A Belina amarela ia vagarosa, como toda a despedida que menospreza a estrada. Acredito que as marchas ficavam no volante. As crianças silenciosas no banco de trás controlavam os suspiros, economizavam as inspirações mais exaustivas. Brincávamos de morrer.

Mãe e pai haviam se separado e voltavam a se ver. Tratava-se de um ensaio de reconciliação. Uma tentativa desesperada de proferir uma frase decisiva nas frestas da atenção dos meninos. Como é duro e nervoso quando um casal se separa e não tem mais um momento a sós para resolver as dívidas e se fiam apenas numa expressão de rosto para entender a esperança.

O riso epidérmico dos dois, sem dentes, escondia um testamento pronto, definitivo. Cuidavam da pontuação para adiar o fim. Adiar o fim não é mudá-lo.

Miguel, o menor, com seis anos, batia no ombro do pai e dizia:

— Papai lindo!

E batia em seguida no ombro da mãe e dizia:

— Mamãe linda!

Permaneceu incansável durante dez minutos, revezando seus dedos de um lado ao outro.

Minha lembrança mais triste é essa música à capela do caçula.

Papai lindo, mamãe linda. Papai lindo, mamãe linda.

Mas Páscoa — o pequeno entenderia depois — nem sempre ressuscita.

O que ele sussurrou

no ouvido?

Literatura é briga de rua.

Alguns autores andam de canivete, outros com garrafa quebrada. Entro no texto com o bolso cheio de pedras. Vou esvaziando com o cansaço.

Para escrever, procuro sempre em pensamento a companhia de um tímido.

Ao lado dele, estou bem protegido. O tímido é o único audacioso que existe. Fiel como um gato com almofada, um cachorro com osso. Não muda de opinião para agradar. Tem a arte marcial das poucas palavras.

Ele não ataca, explode.

O irmão Miguel é meu tímido preferido. Suave e tranquilo; não merecia nascer numa família excessivamente escandalosa como a nossa. Não grita em público, não canta no chuveiro, não assovia, muito menos se enerva com barbeiragem no trânsito.

Diz obrigado mesmo quando faz um favor. Agradece a si. Não é para menos que se tornou juiz. Seu silêncio já surgia adulto antes de caminhar.

Na escola, nunca arrumou briga, ao contrário do Rodrigo, que se engalfinhou em socos e pontapés com um colega durante três recreios consecutivos (foi a maior luta de boxe do colégio Imperatriz Leopoldina), e de mim, que cuspi e cotovelava os oponentes nos jogos de futebol.

Ele nunca perdeu a postura, até que um dia alguém de sua turma insinuou que a nossa mãe era uma piranha porque estava separada. Isso que minha mãe nunca mais casou ou namorou após o divórcio.

Com respeitosa mudez, pediu que não me mexesse, deu dois passos para perto da figura insolente, um menino ruivo, como se fosse cumprimentá-lo. Fiquei espantado com sua diplomacia de guerra. De onde tirou o sangue-frio? Chegou rente aos seus ombros e disparou algo em seu ouvido. Não consegui entender, ninguém escutou.

O troglodita de espinhas fechou a boca, resmungou um lamento de gaita e desandou a chorar.

Chorava e se desculpava compulsivamente.

Sem nenhum empurrão e gancho, sem força física alguma, com a simples troca de um sussurro, Miguel espancou o guri.

Tanto que, ao longo dos anos escolares, o fedelho mudava o caminho e fugia quando a gente se aproximava pelos corredores.

Gostaria de saber o que ele pronunciou para desmontar a guarda e o insulto.

Deve ser o verso perfeito que procuro.

Punhado de café

Nada de pacotes fechados, de peso definido, que se pegam na estante e se gastam automaticamente. Ainda descendo das sacas e dos potes, onde se comprava café e farinha a granel.

Separava o café como quem completa a sombra. No bolso, dinheiro trocado, esparso. Se ultrapassasse o valor, entregava de volta. Descobria-se na concha o que se precisava. Decidia-se a vida no punhado.

Não se levava mais ou menos. Queria o suficiente para não sobrar depois da sobra.

Os armazéns de esquina tinham portas de ferro e balanças indulgentes, com a marcação de mão. Ir ao armazém era mexer por dentro de uma ampulheta. Segurava a areia quente no momento da descida. Ir ao armazém era tão importante quanto comprar uma passagem na rodoviária. Despertava cedo para ganhar preferência de conversa no balcão.

Não mudei. Meus olhos são a granel. Meus braços são a granel. Meus pés são a granel. Devolvem o que não usaram.

Fabrizio Carpinejar

Fabrizio Carpinejar acredita que a vida é feita para os corajosos. E que uma palavra na hora certa pode decidir caminhos. O autor nasceu em 1972, em Caxias do Sul (RS), e atualmente está radicado em Porto Alegre (RS). Poeta, cronista, jornalista e professor, publicou 30 livros ao longo de quinze anos de literatura. Atua como apresentador da TV Gazeta e da TVCOM, colunista do jornal *Zero Hora* e comentarista da Rádio Gaúcha. Ganhou vários prêmios, entre eles: duas vezes o Jabuti, edições 2009 e 2012, o de melhor livro infantojuvenil da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA), em 2012, e o Olavo Bilac 2003, da Academia Brasileira de Letras.

Eloar Guazzelli

Nasceu em 1962, em Vacaria (RS). É ilustrador, quadrinista, diretor de arte para cinema e professor. Foi premiado em salões, como o Yomiuri International Cartoon Contest (1991), no Japão. Ficou em primeiro lugar na 2ª Bienal Internacional de Quadrinhos, além de premiações em festivais de cinema e humor no Brasil e no exterior.

Ilustrações: Eloar Guazzelli
Projeto gráfico: Laura Guidali Amaral
Padrões: Laura Guidali Amaral e Rodrigo F.S.
Revisão: Mônica Ballejo Canto e Renato Deitos

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C298t

Carpinejar, Fabrício, 1972-

Te pego na saída / Fabrício Carpinejar ; ilustrações Eloar Guazzelli. - 1. ed - Porto Alegre, RS : Edelbra, 2013.

(Vida em pedaços ; 2)

ISBN 978-85-5590-032-7

1. Crônica brasileira. I. Guazzelli, Eloar. II. Título. III. Série.

13-04877

CDD-869.98
CDU: 821.134.3(81)-8

2016

Edelbra

www.edelbra.com.br

Central de Atendimento:

51 2118 4404 | cae@edelbra.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou copiada, por qualquer meio, sem a permissão por escrito da editora.